

Clarita, Claritinha, Clá

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Escrito para ser lido no Natal de 2003.

Hommage to my mother, Clarita, dead in 1990. Written to be read by the family in the 2003 Christmas. Includes four testimonies.

Eu estava me devendo este artigo para a Clá. Quando meu pai morreu, escrevi um artigo em sua homenagem, e o publiquei nos jornais. Ele era um homem público, foi jornalista, deputado, romancista. Já a sua Claritinha, ou a nossa Clá, viveu sempre dentro da família. Mas se as homenagens públicas talvez não lhe sejam apropriadas, as privadas são mais do que devidas.

Minha mãe foi uma mulher extraordinária. Pequena ndash lembrava sempre que tinha apenas um metro e cinquenta ndash era, no entanto, muito forte. Sua força era aquela que é própria das grandes mulheres ndash uma força que não é física mas psíquica, que não é agressiva mas fundada no amor. Uma força que a tornava inquebrantável, apesar de toda a sua fragilidade.

Como seu pai e sua mãe, Clá era uma professora. Não apenas porque se formou no curso Normal, e por muitos anos exerceu essa profissão, mas porque ensinar era algo que ela fazia melhor do que ninguém. Eu e todos os meus irmãos aprendemos a ler antes com ela do que na escola. E durante todo o curso primário e uma parte do secundário, ela nos acompanhava, estimulava, e, às vezes, quando estávamos muito atarefados, fazia nossa lição de casa.

Sua forma de educar seguia dois princípios que ela compartilhava com meu pai: os princípios da responsabilidade e da autonomia. Ela assumia que nós éramos responsáveis, que não mentíamos, e sempre acreditava na nossa palavra. Dessa forma, ficávamos sem muita alternativa senão corresponder, de forma autônoma, às suas expectativas. A autonomia vinha do fato de que nem ela nem meu pai viviamnos ensinando moral. Seus princípios morais fluíam de suas próprias vidas, e ficava por nossa conta aprendê-los e praticá-los. Derivavam também da crítica que principalmente meu pai fazia dos desonestos, e do elogio que Clá fazia dos heróis, de sua coragem e firmeza.

Clá era uma mulher corajosa. Enfrentou a grande crise da família que foi a falência do jornal *O Tempo*, em 1955, a perda de todos os bens, inclusive sua própria casa, com enorme firmeza. Depois, meu pai, com a advocacia, continuava a ser a fonte básica de renda da famílias, mas ela foi assumindo as finanças, construiu uma nova casa, fez negócios imobiliários que, com frequênciam, envolviam mudança de residência.

Uma vez fiz uma conta: ela mudou 22 vezes de casa, sempre em São Paulo. E não se aborrecia com isto.

Sua coragem se expressou em vários momentos. Eu me lembro bem de um dia, quando eu tinha uns 9 ou 10 anos. Estávamos em Santos, nadando na Ponta da Praia, e por minha culpa, ela, que nadava mal, quase se afogou. Ajudada, chegou afinal à praia, expeliu a água que havia bebido, e voltou para o mar, explicando que, se não o fizesse, ficaria com medo do mar para o resto da vida.

Meu pai era um homem culto, e gostava das idéias e dos princípios gerais. Minha mãe não se interessava tanto pelas teorias. Ela lia bastante, gostava de música clássica (tinha uma especial preferência pela sonata para violino e piano n.º 5, Primavera, de Beethoven), e conhecia bem as principais óperas, cujos trechos ela nos contava, mas sua cultura era prática, voltada para resolver problemas. Ela tinha a sabedoria da vida, que ela resumia em uma série de provérbios ou de princípios simples, que faziam parte dela própria. Não seria agora capaz de citar qualquer um deles, mas é incrível a frequência como, hoje, diante de uma situação qualquer, me vem à mente uma das frases dessa sua sabedoria prática.

Houve especialmente um grande ensinamento que eu jamais esqueci. Eu tinha uns dez anos nessa época. Seus dois irmãos mais velhos, que eram muito unidos, brigaram. Ela passou o dia inteiro na casa dos dois. Quando voltou, perguntei o que havia ocorrido. "A briga foi tão feia, que eles não vão se falar por dez anos". Mas, por que eles brigaram, perguntei. "Porque ficaram íntimos demais, e perderam o respeito". Naquele momento aprendi que, mesmo entre os mais próximos, é necessária uma certa distância, uma certa cerimônia polida, que garanta o respeito.

Clá era religiosa, mas não alimentava culpas, e acreditava na vida. Era uma romântica ainda que realista. Não apenas porque gostasse de livros, músicas e filmes românticos. Não apenas porque esteve sempre enamorada de seu marido. Mas porque, sem perder o sentido da realidade, via a vida como uma estória de amor. Uma vez lhe fiz uma pergunta sobre sexo. Ela jamais havia falado comigo sobre o assunto, mas me surpreendeu respondendo que preferia não falar em uma coisa que era tão bonita.

Clá não era muito organizada. Havia em sua casa, em suas coisas, sempre uma certa desordem, que, entretanto, não incomodava. Pelo contrário, deixava todos à vontade. Ela era famosa na família mais ampla pela sua distração. Meu primo Fernando sempre gostava de contar a estória de sua ida à feira. Um mendigo lhe estende à mão, pedindo dinheiro, mas como havia uma moeda nela, Clá muito simplesmente a tomou. Foi preciso que a empregada a alertasse, para que ela o devolvesse. Quando era jovem, nos almoços na família de meu pai, meus tios adoravam fazer brincadeiras com ela. Ela não se importava.

Os almoços e jantares em sua casa eram sempre alegres. Fazia uma comida simples mas ótima. Tinha uma especial predileção pela pescada combucu. Quando havia uma festa, um almoço especial, servia um vatapá. O famoso vatapá da Clá, de origem pernambucana, uma espécie de sopa grossa, com cama rões e pedaços de peixe, que muitos amigos meus ainda lembram.

Clá estava sempre disponível para nós, seus seis filhos ndash porque ela teve a generosidade de nos tornar irmãos de três primos-irmãos, filhos de sua amada e admirada irmã um pouco mais velha, Glorinha, que morreu tão cedo. Ajudava sempre que algum de nós precisava ou pedia, e jamais cobrava pelo que fazia. Fazia o que gostava ndash o que, quando menino, às vezes me aborrecia. Mas estava sempre presente quando era necessária, e ajudava sem que isto significasse sacrifício para ela.

Clara era seu nome de batismo. Clarita, o nome que seus familiares lhe deram, como suas amigas a chamavam, e como ela própria se identificava. Claritinha era como meu pai se referia a ela. Mas aos poucos, ela foi mudando de nome e de identidade. A pequena Clá, a caçula da família, a preferida de sua mãe, a linda moça e mãe, a mulher que lutou para restabelecer o equilíbrio econômico depois da tempestade, foi se transformando na Clá de seus netos. Porque foram eles que assim a batizaram.

Se Clá uma mãe maravilhosa, foi uma avó incrível ndash uma avó-companheira. Uma igual entre iguais, mas professora, sempre. Que ensinava tudo aos netos, inclusive ndash pasmem ndash a guiar. Todos os netos aprenderam com ela a dirigir automóvel, embora ela própria fosse um perigo na direção. Não havia nada que os netos gostassem mais do que ir para sua casa. Porque lá tudo ou quase tudo era permitido. Porque a Clá contava estórias, organizava brincadeiras, arbitrava lutas.

Clá gostava de viajar, e de contar suas viagens. A famosa viagem a Bariloche, na qual ela ganhou o apelido de ldquola reina del trenórdquo, as viagens à Europa, particularmente à Itália, que ela e meu pai amavam. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se à pintura, enquanto meu pai se transformava em romancista. Ela, entretanto, preferia participar da aventura literária do marido ndash inclusive cobrando dele trabalho para poder receber uns dinheirinhos de direitos autorais ndash do que pintar. Morreu muito cedo, com 77 anos. Mas sua lembrança ficou gravada em todos nós, filhos e netos, de forma profunda e permanente. Ela partiu há mais de treze anos, mas está sempre presente entre nós.